

Bolsonaristas bloqueiam via para pedir golpe militar

Bolsonaristas bloqueiam vias de 25 estados; Moraes ordena desobstrução

Manifestantes pedem golpe militar; Polícia Rodoviária Federal não agiu para liberar rodovias

BELO HORIZONTE, GOIÂNIA, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO, SALVADOR, RIO DE JANEIRO, MANAUS, FLORIANÓPOLIS, BRASÍLIA E CURITIBA. Apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (PL), incluindo caminhoneiros, iniciaram na noite de domingo (30) bloqueios em estradas pelo país em protesto contra o resultado das eleições, que teve Luiz Inácio Lula da Silva (PT) como vencedor na disputa pelo Planalto. Os manifestantes pedem um golpe militar.

A PRF (Polícia Rodoviária Federal) registrava nesta segunda (31), até o fim da noite, 221 pontos de bloqueios ou aglomerações em vias de 25 estados e no Distrito Federal.

Segundo a PRF, havia bloqueio ou interdição no Acre (2), em Alagoas (4), no Amazonas (4), na Bahia (2), no Ceará (1), no Distrito Federal (1), no Espírito Santo (10), em Goiás (12), no Maranhão (4), em Minas Gerais (17), em Mato Grosso (24), em Mato Grosso do Sul (32), no Pará (29), na Paraíba (1), em Pernambuco (1), no Piauí (1), no Paraná (34), no Rio de Janeiro (14), no Rio Grande do Norte (2), em Rondônia (19), em Roraima (3), no Rio Grande do Sul (47), em Santa Catarina (46), no Sergipe (1) em São Paulo (8) e em Tocantins (2). Não houve relatos sobre atos na Amapá.

Por precaução, a Polícia Militar do Distrito Federal bloqueou parte da Esplanada dos Ministérios, em Brasília. A região compreende a praça dos Três Poderes, onde fica o Congresso, o Planalto e o STF (Supremo Tribunal Federal).

A PRF, no entanto, não agiu sobre os bloqueios. Em um vídeo ao qual a Folha teve acesso, agentes da PRF dizem que a ordem é só permanecer no local. "A única coisa que eu tenho a dizer nesse momento é que a única ordem que nós temos é estar aqui com vocês, só isso", disse um policial que acompanhava um bloqueio em Palhoça (SC).

Em um outro vídeo, um policial em Rio de Janeiro disse que estaria ali para monitorar a manifestação, mas não emitiria nenhuma multa.

"Outro compromisso que eu faço com vocês aqui, nenhum veículo que está aqui na manifestação será alvo de qualquer notificação. Eu não vou fazer multa nenhuma", disse o policial, sendo aplaudido em seguida.



Apoiadores do presidente Jair Bolsonaro bloqueiam a BR-060, perto de Abadiânia (Goiás) (Ueslei Marcelino/Reuters)

Pouco antes das 22h, o ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), determinou que o governo adotasse imediatamente "todas as medidas necessárias e suficientes" para desobstruir as rodovias ocupadas. Ele também determinou prisão de diretor da PRF em caso de descumprimento. A medida inclui a atuação de homens da Força Nacional e das Polícias Militares, além da PRF (Polícia Rodoviária Federal). O pedido foi feito pela CNT (Confederação Nacional dos Transportes).

O ministro da Justiça e Segurança Pública, Anderson Torres, disse, por sua vez, que determinou reforço do efetivo da PRF para normalizar o fluxo nas rodovias. A declaração foi dada nas redes sociais na noite desta segunda.

Em nota enviada antes da decisão de Moraes, a PRF disse que sempre trabalhou com o compromisso constitucional de garantir a mobilidade eficiente, a preservação da ordem pública, a segurança viária e o combate ao crime organizado nas rodovias federais brasileiras.

A instituição falou ainda que está em todos os locais de bloqueio com efetivo mobilizado e permanece traba-

lhando para o fluxo livre das rodovias federais. No domingo, a PRF descumpriu ordem de Alexandre de Moraes ao intensificar operações contra o transporte público de eleitores. O diretor-geral da polícia, Silvinei Vasques, foi ao TSE dar explicações sobre o episódio.

Em resposta à mobilização nas estradas, o MPF (Ministério Público Federal) abriu nesta segunda apuração sobre as circunstâncias dos bloqueios em rodovias federais. Órgão cobra providências da PRF, que terá 24 horas para enviar explicações sobre o caso.

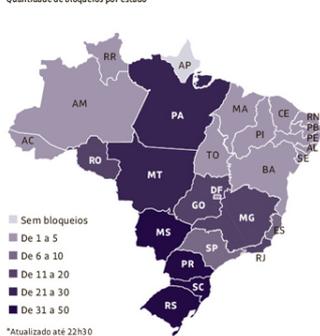
Procuradores da República nas cinco regiões do país já instauraram procedimentos sobre a situação e apontam o cometimento, em tese, do crime contra o Estado Democrático de Direito.

Um dos documentos ao qual a Folha teve acesso diz que as motivações dos protestos "mostram-se explicitamente contrárias ao estado democrático de direito, requerendo intervenção militar por mero descontentamento com o resultado das eleições presidenciais".

APRF também disse que acionou a AGU (Advocacia-Geral da União) para obter uma liminar da Justiça Federal "co-

Rodovias bloqueadas por bolsonaristas

Quantidade de bloqueios por estado*



*Atualizado até 22h30

“A única coisa que eu tenho a dizer neste momento é que a única ordem que nós temos é estar aqui com vocês, só isso”

agente da Polícia Rodoviária Federal em vídeo ao qual a Folha teve acesso

mo forma de garantir pacificamente a manutenção da fluidez nas rodovias.

Integrantes do MPF, porém, entendem que a PRF tem condições de agir administrativamente contra os bloqueios, por exemplo a aplicação de multas, sem a necessidade de um respaldo judicial.

A Folha AGU informou que pareceres jurídicos da instituição dão aval à atuação de ofício da PRF (sem a necessidade de levar o assunto à esfera judicial), como ocorreu em 2018, por ocasião da greve dos caminhoneiros no governo do ex-presidente Michel Temer (MDB).

Relatos de que caminhoneiros bolsonaristas decidiram bloquear estradas começaram a circular nas redes sociais tão logo a corte eleitoral anunciou a vitória de Lula sobre Bolsonaro. Vídeos que circulam na internet mostram pneus pegando fogo em vias. Em um deles, é possível ouvir o hino nacional ao fundo.

Em São Paulo, manifestantes se concentraram na marginal Tietê. No início da noite desta segunda, o protesto ocorria no sentido Ayrton Senna, junto à ponte das Bandeiras. As pistas 1, 2 e 3, mais rápidas, foram fechadas pelos manifestantes — apenas a 4 era transitável. A lentidão chegava a 6,3 km.

Com bandeiras do Brasil, eles gritavam "Lula, ladrão, seu lugar é na prisão".

No Rio de Janeiro, um grupo de manifestantes chegou a interdirar parcialmente um dos acessos ao ponto Rio-Niterói, que liga a capital fluminense a municípios da região metropolitana do outro lado da baía de Guanabara.

Nas rodovias, um dos principais pontos de bloqueio foi na Presidente Dutra, que liga o Rio de Janeiro a São Paulo. A paralisação, na altura de Barra Mansa (RJ), travou totalmente a via. Parte dos manifestantes começou a queimar pneus e a queimar carros. Alguns usavam camisetas verde-amarelas, além de adesivos de Bolsonaro.

Os caminhoneiros foram importante base de Bolsonaro em 2018, mas o apoio da categoria refluíu nos últimos anos, principalmente com o aumento no preço dos combustíveis.

Recentemente, o presidente anunciou a antecipação do auxílio pago aos profissionais autônomos, o que foi visto como uma tentativa de se impulsionar a campanha pela reeleição entre o grupo.

Leonardo Augusto, Rafaela Barros, Felipe Nunes, Leonardo Vieseli, Rafael Balago, Thiago Bethônico, João Pedro Pimenta, Nicola Pamplona, Vinícius Sassine, Fábio Bispo, Alexa Salomão, Raquel Lopes e Marcelo Rocha

Leia mais na pág. A20

Protestos travam entregas e atrasam produção de carros e leite

Rafael Balago, Ana Paula Branco e Mauren Luc

SÃO PAULO E CURITIBA. Os protestos que bloquearam estradas em ao menos 18 estados nesta segunda (31) geraram atrasos em entregas e dificultaram a produção de itens como autônomos e laticínios.

A Braspress, uma das principais transportadoras de encomendas do país, teve impacto em mais de 60% de suas operações nesta segunda. Em unidades como as de Itajaí (RJ) e nos arredores de Florianópolis (SC), os veículos não conseguiram sair, pois havia bloqueios próximos.

"Nesta manhã, estamos com 40 carretas bloqueadas. E decidimos retirar parte da frota na origem, para evitar riscos ao patrimônio, à carga e aos funcionários", conta Luiz Carlos Lopes, diretor de operações da empresa.

"Levará alguns dias para regularizar tudo. Vamos torcer para que isso seja dissipado lo-

go. Nossa empresa é contrária a esses movimentos. Isso não resolve o problema do país. Quem quiser protestar que o faça, mas de maneira ordeira e pacífica", defende Lopes.

Em Porto Real (RJ), a Stellanis suspendeu a produção na manhã desta segunda, por um bloqueio na rodovia que dá acesso ao complexo industrial, impedindo a chegada de funcionários e peças. A fábrica, que fica perto da via Dutra, na região de Resende (RJ), produz motores e auto-móveis das marcas Citroën e Peugeot e emprega cerca de 1.800 pessoas.

No Rio Grande do Sul, um dos estados mais atingidos pelos bloqueios, produtores de laticínios temem que os bloqueios os impeçam de levar o leite fresco das fazendas para as fábricas, algo que precisa ser feito em no máximo 48 horas.

Em Curitiba, as universidades Unicuritiba e Tuiuti do Paraná anunciaram a suspensão

das aulas presenciais nesta segunda e nesta terça (1º). A coleta de lixo na região metropolitana pode atrasar, a partir de amanhã, por dificuldade de acesso ao aterro sanitário. Linhas de ônibus metropolitanas precisam fazer desvios e atrasam horários.

A prefeitura prepara um plano de contingência, caso necessário, com mudanças de trajetos para as linhas municipais. Na rodoviária da capital paranaense, 45 viagens foram canceladas por causa dos bloqueios nas estradas, que somam 64 pontos em todo o estado, no início da noite desta segunda.

"Os bloqueios ganharam força depois do meio-dia de amanhã [terça], teremos poucos problemas. Mas, se passar disso, o produtor passará a ter prejuízo. Começamos a viver uma situação de caos que ninguém precisa agora", diz Darlan Palharini, secretário-executivo do Sindlat, sindi-

cato estadual do setor.

"Aguardamos que o presidente Bolsonaro se posicione. O silêncio que acaba gerando toda essa insegurança. Evemos que esse movimento não tem uma pauta clara ou um líder", prossegue Palharini.

A indústria da construção também teme problemas se o protesto continuar a fechar as estradas do país. Segundo o presidente da CBIC (Câmara Brasileira da Indústria da Construção), José Carlos Martins, o setor será afetado se as estradas ficarem bloqueadas por mais de três dias.

"Acreditamos que isso não deve crescer. Para os caminhoneiros, isso é um tiro no pé. No fim do mês é quando tem o maior volume de cargas para entregar. Acabamos de sair de um fim de semana prolongado. Isso não pode continuar além de hoje [segunda]", defende Carlos Pazan, presidente da Fetcesp (Federação das Empresas do Transporte de Cargas de SP). "As federa-

ções são totalmente contra os bloqueios".

A CNT (Confederação Nacional do Transporte) também criticou os atos. "Qualquer tipo de bloqueio não contribui para as atividades do setor transportador e, consequentemente, para o desenvolvimento do Brasil", disse o órgão, em nota.

A Alshop (Associação Brasileira de Lojistas de Shopping) aposta no fim dos protestos até esta terça. "Como estamos que no início de novembro, muitas lojas já estão com estoques para o Natal, não vai afetar o abastecimento", afirma Luís Augusto Ildefonso, diretor institucional da entidade.

A Abrasce (Associação Brasileira de shopping centers) informa que as operações dos shoppings seguem normalmente e acredita que, "em breve, teremos uma resolução pacífica para o caso".

A Apas (Associação Paulista de Supermercados) tem mo-

nitório com atenção a cadeia de abastecimento por meio dos informes da Polícia Rodoviária Federal e relatos dos seus mais de 4,500 supermercados associados. Até a tarde desta segunda, não havia anormalidade em razão dos bloqueios de rodovias nem escassez de produtos. "Como medida de contingência, a Apas tem orientado os supermercados associados, quando possível, que antecipem a logística de suas lojas e centros de distribuição a fim de garantir que o setor consiga abastecer a sociedade de forma segura e sem interrupção, independentemente dos desdobramentos futuros", afirmou a associação em nota.

A Ceagesp não registrou impacto na chegada de alimentos e outros produtos ao entreposto da Vila Leopoldina nesta segunda.

O abastecimento de combustíveis também não foi prejudicado ainda.

Colaborou Nicola Pamplona, do Rio



Apoiadores de Bolsonaro fazem churrasco em bloqueio na marginal Tietê, em SP Mathilde Missionero/Folhapress

Atos são de bolsonaristas, não da categoria, dizem líderes de caminhoneiros

Organizadores do movimento de 2018 afirmam não participar dos atos nem saber de onde partem convocações para bloqueios

Nicola Pamplona, Caue Fonseca e Felipe Nunes

RIO DE JANEIRO, PORTO ALEGRE E SÃO JOSÉ DO RIO PRETO Os bloqueios de rodovias em protesto contra o resultado das eleições presidenciais dividem lideranças dos caminhoneiros e são vistos mais como um movimento da militância bolsonarista do que da categoria que parou o Brasil por duas semanas em 2018 em protesto contra a alta dos combustíveis.

Líderes daquela greve disseram à Folha não participar da coordenação das manifestações atuais e nem ao mesmo terem ideia de onde partem as convocações para os bloqueios, que têm uma pauta mais política do que trabalhista.

Nos protestos, os bolsonaristas questionam o resultado das eleições e pedem até golpe militar para evitar a posse do presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva (PT). E cobram do presidente Jair Bolsonaro (PL) posição mais firme em contestação ao pleito.

O questionamento ao resultado das eleições foi inflamado por mensagens dizendo que a fiscalização das Forças Armadas e auditorias externas detectaram irregularidades na apuração dos votos e que uma denúncia de fraude seria feita ao STM (Superior Tribunal Militar).

Ganhou força ao longo do dia com o silêncio de Bolsonaro, que até o início da noite desta segunda não havia se manifestado a respeito do resultado da eleição, e com manifestações de apoio de influenciadores bolsonaristas, como a deputada federal Carla Zambelli (PL).

Em um grupo de mensagem entre caminhoneiros gaúchos, os participantes classificam o movimento como "resistência civil" e criticaram declarações sobre respeito às urnas, como a do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP) — que, no domingo (30), pediu respeito ao resultado das urnas.

Durante o dia, os bloqueios se multiplicaram, chegando a ocorrer em vias urbanas de São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo. Em alguns casos, não havia sequer caminhoneiros nos protestos, que eram feitos apenas por partidários do presidente da República.

Uma das lideranças que emergiram em 2018, o cami-

nhoneiro Wallace Landim, conhecido como Chorão, divulgou logo pela manhã vídeo questionando as manifestações e afirmando que "não é hora de parar o Brasil".

"Neste momento, parar o país vai prejudicar muito a democracia desse país. Precisamos ter reconhecimento da democracia, da vitória do presidente [Lula]", afirmou ele, argumentando que a categoria precisará de alinhamento com o novo governo para aprovar pautas de seu interesse.

Chorão hoje preside a Abrava (Associação Brasileira dos Condutores de Veículos Automotores) e tem sido crítico ao governo Bolsonaro pela escalada dos preços dos combustíveis após o período mais crítico da pandemia.

Caminhoneiro autônomo e diretor da CNTTL (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transportes e Logística), Carlos Alberto Litti Dahme reforçou o argumento.

"A pauta que está sendo discutida agora não é uma pauta dos trabalhadores do transporte, não é uma pauta econômica. A pauta econômica que deve ser mantida e levada, independente do governo."

"Não necessariamente é o caminhoneiro que está parando. Eles estão parados por causa dos bloqueios. Existem alguns caminhoneiros que estão apoiando. Mas não é a categoria no geral que está fazendo", afirmou o presidente da ANTB (Associação Nacional de Transportes do Brasil), José Roberto Stringasci.

Um dos apoiadores dos bloqueios, o caminhoneiro Janderson Maçanero, conhecido como Patrola, confirmou à BBC que a maioria dos manifestantes em sua cidade, Itajaí (SC), são pessoas de diferentes profissões. Ele afirmou que a duração do movimento dependerá do posicionamento de Bolsonaro.

"Estamos esperando ele falar. Ou Bolsonaro vai à guerra ou ele se extinguirá do cenário político, porque aí ele não é o líder que pensávamos", disse, ressaltando que não apoiaria um golpe militar.

O deputado federal Nereu Crispim (PSD-RS), presidente da Frente Parlamentar Mista em Defesa dos Caminhoneiros Autônomos e Celetistas, disse em nota que os cami-

nhoneiros não irão parar para protestar contra o resultado das eleições.

A categoria "não participa e nem participará de nenhum movimento de paralisação ou bloqueio de rodovias para protestar e questionar o resultado das eleições que elegeu o candidato Luiz Inácio Lula da Silva como novo Presidente do Brasil", afirmou.

Bloqueios de vias acendem alerta entre aliados de Lula

Catia Seabra e Victoria Azevedo

SÃO PAULO As manifestações de caminhoneiros após a eleição do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) acenderam sinal de alerta em sua equipe.

A avaliação de aliados é que é um movimento político contra Lula. A presidente do PT, Gleisi Hoffmann (PR), afirmou que isso "prejudica o país e o povo" e criticou a atuação da PRF no domingo.

No dia da votação, operações nas estradas feitas pela PRF podem ter causado atraso na votação e foram alvo de medidas do TSE (Superior Tribunal Eleitoral).

"Esse movimento de caminhoneiros paralisando estradas, eminentemente político, prejudica o país e o povo. As autoridades estaduais e nacionais têm de tomar providências urgentes. Será a PRF tão rápida para resolver esse bloqueio como foi para parar eleitores no Nordeste?", escreveu Gleisi nas redes sociais.

A PRF afirmou ter acionado a AGU (Advocacia-Geral da União) para tentar medida judicial que impeça a ocupação de estradas federais e defende em nota que, desde o início dos bloqueios, "adotou todas as providências para o retorno da normalidade dos fluxos", direcionando equipes para os locais e iniciando negociações.

Disse que tenta usar o diálogo para garantir, "além do trânsito livre e seguro, o direito de manifestação dos cidadãos". Indo à Justiça, a PRF quer uma medida que impeça os manifestantes de interromperem o fluxo de veículos.



A pauta que está sendo discutida agora não é uma pauta dos trabalhadores do transporte, não é uma pauta econômica. A pauta econômica que deve ser mantida e levada, independentemente do governo

Carlos Alberto Litti Dahme caminhoneiro autônomo e diretor da CNTTL (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transportes e Logística)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado **Caderno:** A **Página:** 19 e 20